



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“TEM GENTE ATRAVESSANDO?”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE TRAVESSIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM SITUAÇÃO CLANDESTINA PARA A GUIANA FRANCESA

Rosiane Ferreira Martins
PPGCS-UFPA
martins.rosiane@gmail.com

Os migrantes em travessia levam suas línguas, culturas, etnicidades e identidades. Esses fluxos contribuem para transformações entre essas populações que se deslocam. A fronteira franco-brasileira pode ser considerada como lugar onde pululam diferentes situações; migrantes caribenhos, asiáticos, africanos e sul-americanos, diariamente transpõem-na sem a apresentação de visto de entrada, sendo classificados pelo governo francês como clandestinos.

Este movimento em direção à Guiana Francesa aumentou consideravelmente nos últimos anos, em conjunto com a recente crise mundial que contribuiu para estimular e justificá-lo. Em sentido contrário, o governo adotou medidas restritivas, de controle, busca, prisão e deportação de migrantes clandestinos na tentativa de conter esses fluxos.

Os itinerários dos migrantes são traçados de acordo com as possíveis fronteiras encontradas ao longo de suas trajetórias. Esses fluxos têm como um dos principais suportes as redes familiares que lhes oferecem moradia, possibilidades no mercado de trabalho e outros tipos de inserção no departamento (Menjivar, 1995; Soares, 2002). São várias travessias enfrentadas; experiências que envolvem anseios e tensões, nas quais deslocados, refugiados e outros grupos em movimento defrontam-se com novas perspectivas.

A Guiana Francesa apresenta-se como um espaço multiétnico, multicultural e de criação de identidades, no qual são vivenciadas situações de interculturalidade, expostos múltiplos discursos, baseados no convívio entre a diversidade social, cultural e étnica. Esse contato contribui para a construção de representações sociais, reflexões sobre o ser migrante clandestino e a suas realidades, reveladas em narrativas que descrevem de forma particular trajetórias de viagens, planos e aspirações; para os que migram pela primeira vez, ou experiências encontradas ao longo do “trecho” para os que cruzam com frequência estas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fronteiras, indicando circunstâncias de medo, angústia e, algumas vezes, de morte ao longo do trajeto.

A “estranha” presença dos migrantes nesta sociedade provoca diferentes questões, dentre as quais a temporalidade em relação a sua existência ali e a construção de fronteiras e identidades expressivas dos diversos e diferentes fluxos.

O objetivo deste trabalho é analisar, com base em relatos de migrantes, algumas travessias, observando como as várias fronteiras cruzadas contribuem para a construção de identidades no DUF. A pesquisa vem sendo realizada desde o ano de 2005 no intuito de entender, entre outras questões, como funcionam os diferentes fluxos. Elencam-se as relações sociais estabelecidas desde a partida e as territorialidades que contribuem para a criação de diferentes identidades, tecidas em espaços de trabalho, moradia e lazer. A metodologia utilizada foi a observação etnográfica a fim de compreender práticas cotidianas que revelam negociações e estratégias dos migrantes para estabelecerem-se nesse território da França nas bordas da Amazônia.

O Trecho e seus clandestinos

A distância da terra natal é definida por grande parte dos migrantes como vida no trecho; para eles o “trecho” é descrito como um espaço transitório, bem como, deveria ser a presença do migrante, Sayad (1998); ainda neste sentido Bauman (1998) afirma que *apesar de prolongada, a permanência do estranho é temporária*. A presença dos migrantes, estrangeiros, estranhos nesta sociedade provoca diferentes questões, dentre as quais a temporalidade em relação a sua presença e a construção de fronteiras e identidades expressivas dos diversos e diferentes fluxos.

Sayad (1998) avalia que *o imigrante está presente onde está ausente e ausente onde está presente*; Bauman (1998) por sua vez afirma *o estranho está fisicamente próximo, enquanto permanece espiritualmente distante. Ele traz para dentro do círculo interno da proximidade o tipo de diferença e de alteridade que são previstas e toleradas apenas à distância*.



A transitoriedade encontrada no “trecho” contribui para que eles façam de seus percursos uma seqüência de situações temporárias que na maioria das vezes se transformam em definitivas, nas quais podem contribuindo para a construção de vários lugares ou em sentido contrário, um conjunto de não-lugares no sentido antropológico (Auger, 1994). O estranhamento e distanciamento da nova realidade estimula ou dificulta a criação de espaços identitários, históricos e relacionais para muitos migrantes. Há um desapego ao Departamento, pois os planos de retorno são mais fortes que os de estabelecimento. Em relação a essa situação Bauman (1998) infere:

“o estranho que se recusa a partir transforma gradativamente a sua permanência temporária num território doméstico – tanto mais assim porque o seu outro lar “original” se perde no passado e talvez até desaparece definitivamente. Todavia, por um lado, ele conserva (pelo menos em teoria) a sua liberdade de partir...”

Dessa forma os deslocamentos e fluxos de pessoas, mercadorias, tecnologias e culturas oferecem importantes pistas para o entendimento acerca das percepções dos migrantes em relação à transitoriedade que marca suas vivências no Departamento Francês, de que modo todos se encontram e classificam no transcurso de suas histórias. Esses movimentos contribuem para a criação de uma sociedade extremamente heterogênea, onde para o recém-chegado aprender os códigos é fundamental, e para os estabelecidos conviver com eles é parte das estratégias de permanência.

A Travessia e seus custos

A travessia tem muitas nuances que a transforma em mais que uma viagem em busca de melhores oportunidades, mas em transposições diárias de fronteiras. A primeira delas é a entrada no Departamento como clandestino; realizada pelo rio com a utilização de uma canoa a motor ou pelo meio da mata.

A viagem feita de catraia é realizada em aproximadamente quatorze horas subindo o rio Oiapoque, seu agenciamento ocorre às margens do rio Oiapoque, na rua principal da cidade de mesmo nome; sendo realizada com frequência em horário noturno. Ela acontece em várias etapas, seu percurso varia de acordo com as condições de vigilância francesa. Em geral os migrantes permanecem por algumas horas durante o dia em uma das ilhas que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

circundam o Departamento, e seguem no final da tarde na tentativa de fugir do controle da Polícia Auxiliar de Fronteira - PAF.

Os migrantes são conduzidos por pessoas que fazem esse transporte, que orça em torno de R\$700,00 (setecentos reais). Na cidade de Oiapoque é possível encontrar pessoas que conduzem clandestinos até Caiena pelo valor mínimo de € 200,00. Essa travessia é feita geralmente à noite, quando os migrantes são trazidos até *Saint-Georges*, a primeira cidade de fronteira, de onde são transportadas de carro até próximo à barreira da polícia francesa. Eles caminham até um lugar dentro da mata, chamado pelos “passadores” de varadouro, com a finalidade de transpor por dentro a colina denominada *Bélizon*, ponto no qual foi construído o posto de vigilância francês. Alguns quilômetros após a barreira aguardam escondidos na mata, pelo carro que os resgatará. Alguns indícios marcam a presença de migrantes nas imediações, uma deles é a colocação na estrada de uma sinalização que aponta o esconderijo de onde devem ser resgatados os migrantes.

Os passadores comumente brigam entre si, e algumas vezes entram em confronto para assegurar o controle dos seus passageiros; cada carro transporta em média 13 pessoas em uma viagem que leva três horas, no mínimo.

Fiz a entrada em Caiena por via terrestre, na condição de clandestina, de modo a inserir entre as experiências de campo, acredito ser necessário fazê-la, ao menos, por uma vez para conhecer, não apenas por relatos, esse deslocamento perigoso, correndo risco de ser preso, morto ou vítima de extorsão.

Durante essa viagem tive contato com a linguagem própria utilizada na estrada pelos *passadores* de clandestinos. Apesar da dificuldade em atravessar, é constante movimentação no lado brasileiro para tentar chegar à capital do Departamento. Diariamente algumas pessoas ficam pela rua principal da cidade do Oiapoque, situada às margens do rio discutindo acerca da travessia. Uma dessas conversas entre dois homens brasileiros foi presenciada por mim e tentei reproduzi-la:

Um homem jovem aparentando ter perto de 30 anos se aproximou e perguntou a outro que era o agenciador.



— E aí, tu sabes se tem alguém atravessando?

O agenciador respondeu:

— A estrada tá inflamada!

— Ninguém tá entrando, porque os homens tão na estrada direto, e parece que a bicudinha tá na estrada.

— Os caras do Oiapoque não podem atravessar senão os homens prendem eles, e o pior é que todo mundo tá querendo morder o vento, mas se tiver alguém que vá atravessar eu te falo.

No final da tarde deste mesmo dia observei que os mesmos homens conversavam e me aproximei para ouvir o que diziam.

— Tem um velho aí que é feiticeiro e ele tá dizendo que vai entrar mais tarde.

— Os homens tão lá no Bélizon, mas tem um varadouro na estrada e todo mundo vai por lá.

Após todos os acertos estávamos prontos para tentar a incursão clandestina em território francês, no carro viajaram doze pessoas, delas três éramos mulheres, uma criança e oito homens que fizemos todo o percurso amontoados em um pequeno furgão. Durante a viagem o passador falou para o motorista parar no meio do caminho, para pegar uns bonecos que estavam na estrada. Ao chegar a um perímetro muito escuro, o *passador* mandou o motorista parar o veículo, foi quando surgiram vários homens do meio do matagal e entraram no carro. A lotação foi completada e a viagem continuou.

A certa altura da estrada ficava o *varadouro*, como mencionado anteriormente, é o local na estrada acordado para os clandestinos se embrenharem na mata com o auxílio do passador de *varadouro*. Essa pessoa recebe uma porcentagem do *passador de clandestinos* que permanece no automóvel. Nessa ocasião os *passadores do varadouro* estavam munidos de armas e facões, que, conforme eles se destinariam a cortar galhos pelo caminho ou para se defender de animais. Embora temêssemos ser assaltados pelo grupo e abandonados na mata, sobretudo porque atravessávamos carregando nossas bagagens, o que dificultava a locomoção.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Já na madrugada e aproximadamente três horas após a entrada no *varadouro*, saímos da selva, todos estávamos muito suados, após enfrentarmos um caminho longo de mata fechada; ainda visivelmente exaustos, retornamos ao carro e fomos conduzidos até Caiena, lugar onde nos juntaríamos aos inúmeros clandestinos, e compartilharíamos de situações semelhantes.

Nessa experiência compartilhei os significados da “aventura do migrante”. A viagem é perigosa e angustiante. As condições nas quais ela acontece proporcionam ao migrante os perigos da mata como ser picado por cobras venenosas ou atacado por animais como onças, que são comuns na região. Ainda os clandestinos podem ser presos e expulsos; ocorrendo isso perderão o dinheiro investido na viagem, por outro lado a importância dada à migração e ao dinheiro e capital social que se espera obter fazem com que esses perigos e problemas, que porventura venham ocorrer, sejam minimizados ou relativizados pelos clandestinos.

Outras travessias: o migrante e o cotidiano na cidade

Os fluxos migratórios que seguem da Amazônia brasileira oriundos de Belém, cidades do interior do Maranhão, Macapá, e Manaus em direção à Guiana Francesa somam-se aos diversos que chegam diariamente ao DUF; esses deslocamentos ocorrem facilitados pela existência de redes formadas por amigos e familiares que os precederam, e conseguiram de alguma forma se estabelecer no Departamento.

As narrativas dos migrantes, que atualmente vivem em condições de desigualdade, por estarem vivendo como clandestinos demonstram, dentre as diferentes identidades, uma estigmatizada (Goffman, 1998), utilizada pela maioria dos trabalhadores que não conseguiram se estabelecer. Sobretudo porque nesta sociedade, composta por vários povos e organizada em “núcleos ou segmentos” nos quais cada grupo se concentra e encontra; as relações entre culturas, línguas e identidades étnicas diferentes produzem fronteiras e identidades.

São criados espaços para articulações sociais, utilizados e apropriados de diferentes maneiras por cada grupo, para estabelecerem arranjos sócio-culturais e políticos; em uma



hierarquia na qual os clandestinos, na maioria das vezes, aparecem como os menos favorecidos. Os encontros nestes espaços são momentos para reforçar os laços com as redes sociais, principalmente por serem elas essenciais na relação entre migrantes e cidade.

Os clandestinos necessitam transitar e tecer relações no intuito de demarcar a sua presença diante do grupo, essa estratégia é utilizada para manter os migrantes atualizados acerca das notícias do Brasil, ou de outras questões como emprego ou moradia.

De acordo com Arouck (2002, p.126) as redes, sobretudo as familiares, funcionam como meio para a introdução de migrantes, grande parte destes é trazida por parentes ou amigos e conhecidos, que de alguma forma estão estabilizados na Guiana Francesa. São traçadas articulações para a introdução dos migrantes ao cotidiano local.

As casas e praças são espaços nos quais é possível saber notícias do Brasil, conseguir trabalho, enfim, articular as questões referentes às necessidades dos migrantes. Essas circunstâncias contribuem para dificultar o estabelecimento destes migrantes à medida que grande parte encontra dificuldades na adaptação e interação com os componentes dessa nova cultura. O mercado de trabalho é segmentado e os espaços de sociabilidade são territorializados; mesmo os espaços públicos quando são freqüentados por diferentes grupos têm suas fronteiras; um exemplo é a composição de carros que comercializam sanduíches na Place des Palmistes¹, são produtos semelhantes, com o mesmo nome, que, no entanto são freqüentados por diferentes consumidores, que buscam no consumo do produto da sua nacionalidade um sabor culturalmente aproximado ao seu paladar.

Narrativas de Travessias

Uma leitura atenta das falas dos migrantes esclarece alguns dos seus itinerários e parte das suas trajetórias dentro desse contexto de contato. Joel narra os motivos que o levaram ao Departamento e o que, de acordo com ele, suportou para conseguir seus objetivos:

Eu sou nascido no Ceará, mas muito novo eu saí da casa da minha mãe, e fui

¹ Praça principal de Caiena, localizada no centro da cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

morar sozinho; então fui pra São Paulo. Lá me disseram que aqui era bom de ganhar dinheiro com cabelo, e eu vim! Fui para o Oiapoque e quando as meninas (travestis) conseguiram entrar, eu entrei com elas! Só que quando eu cheguei, eu não fui fazer pista (prostituição). Como eu não tinha dinheiro e não conhecia nada acompanhei as meninas, que foram morar na Torre (um prédio abandonado no centro de Caiena onde convivem migrantes legalizados e clandestinos). Eu fiquei por lá alguns meses. Só que eu peguei malária, então quase morri. Eu não podia ir pro hospital porque sou clandestino. Foi quando a Alva foi lá e me deu uns remédios e eu fiquei bom. Agora eu estou morando aqui na casa dela; por um lado é bom porque aqui eu posso atender os meus clientes. Aqui em Caiena tem muita cliente que quer fazer alisamento definitivo no cabelo e eu já consegui com esse dinheiro comprar uma casa pra minha mãe lá em Sobral e todo mês eu mando dinheiro pra minha família. Agora eu vou juntar dinheiro pra comprar uma casa pra mim e montar um salão lá no Ceará, acho que em Fortaleza. Mas pra isso a gente tem que aturar muita coisa. Tem que servir, para bem dizer, de escravo pra não dormir na rua. Ah, eu não vejo a hora de ir embora! (Joel é cabeleireiro, cearense, tem 25 anos e é solteiro).

As trajetórias de viagens desde o Brasil demonstram a dificuldade em construir lugares em espaços de transitoriedade, como por exemplo, as casas nas quais moram. Antonio revelou não sentir-se bem na casa onde vivia e desejava conseguir outro lugar para morar, pois também não tinha a sensação de pertencimento própria do lar, como destacou na entrevista:

Comecei a vir para Guiana quando não existia estrada e era só um caminho de terra, ajudei muita gente aqui. Agora tenho que aturar tudo de muita gente. Eles só sabem pedir dinheiro e eu tenho que dar, porque sou clandestino; dependo deles pra morar. Estes dias não estou trabalhando e ainda tenho que mandar dinheiro pra casa. Em Macapá tenho casa e minhas filhas estudam na universidade, mas eu ainda tenho que trabalhar aqui porque ajudo a pagar a mensalidade do curso delas, e como a minha esposa é dona de casa todos dependem de mim. Eu trabalho na construção, mas não é nada certo; porque um dia tem trabalho e no outro não. Às vezes faço um serviço e às vezes não; porque aqui é muito difícil trabalho pra quem não tem papel. Se os “jandarme” ou a PAF pegar a gente trabalhando, eles mandam de volta com a roupa do corpo; a gente não pode levar na casa em que mora que é problema pro dono da casa. Se eu pudesse iria pra outro lugar ficar sossegado! (Antonio é trabalhador da construção civil, tem 54 anos, é amapaense, pai de quatro jovens e vive na Guiana Francesa há mais de 30 anos).

Maria, uma brasileira de 56 anos, mãe de dois rapazes, natural de Santarém, no Pará aluga um quarto na mesma casa que Joel e Antonio pelo valor de € 200,00 (duzentos euros). Ela exerce na Guiana a atividade de empregada doméstica e diarista, faz também



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pequenas peças em crochê por encomenda para complementar a renda. Maria narrou sua trajetória até chegar à casa a sua atual moradia:

A primeira vez que eu vim para Caiena foi no ano de 2002; meu marido já morava aqui por muitos anos e eu sabia que ele já tinha outra mulher, mas mesmo assim eu gostava dele e aceitava aquilo; então ele separou da mulher e me chamou para eu vir para cá, e eu vim (...) mas não durou dois meses, porque ele tinha na casa uma empregada, que era empregada na casa e mulher na cama. E ele queria ficar com as duas, então eu arrumei minhas coisas e saí da casa dele, arrumei um emprego para cuidar de uma senhora *handicap* (deficiente) e separei dele. Depois eu voltei para o Brasil, mas meu filho mais velho passou em uma universidade particular em Macapá e o pai disse que ele podia estudar que ele pagaria, mas por fim, ele não mandou um *cent*, então eu precisei voltar para Caiena para conseguir o dinheiro, porque eram R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais). Agora eu vou juntar dinheiro para terminar minha casa no Brasil e voltar para lá. Eu aluguei aqui esse quarto na casa da vizinha e tenho minhas coisas, vivo tranquila aqui, já até arrumei um velho de quem eu estou gostando...

Outro percalço encontrado no cotidiano que revela a necessidade de fazer travessias constantes é exposto através das dificuldades encontradas. Uma delas é conseguir novamente a legalização para aqueles que venderam sua permissão para residir e tiveram seus dossiês perdidos,

“eu fui na préfecture renovar minha *séjour*; porque essa última que eles me deram era só de um ano, e a mulher não queria me atender. Então eu falei pra ela: madame eu vou ter que fazer meu *rendevouz* e tenho que pegar meu dossiê. Ela me disse que só ia conversar comigo quando eu falasse em francês porque ela não conversava em crioulo. Eu não sei falar em Francês, só falo crioulo. Aí eu deixei aquela filha da mãe lá e voltei outro dia pra falar com uma branca; que me disse que eu não tinha nada guardado; porque quando eu vendi meu papel jogaram fora tudo. Agora tenho que começar do zero, e vai demorar pra eu pegar um papel de dez anos porque não falo francês e esse Sarkozy está arrumando um monte de coisa pra gente não renovar o papel e ter que ir embora”.

Esta citação pode ser relacionada e até transposta para compreender os projetos e desejos dos brasileiros:

“Eu já venho pra Caiena há mais de dez anos e tenho em Macapá uma casa boa em que eu vivo com a minha filha e uma vila de casas que me dá uma tranquilidade, mas quando as coisas começam apertar por lá eu venho trabalhar aqui”. (José é trabalhador da construção civil, natural de Macapá, tem 56 anos, é separado e tem uma filha).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As constantes viagens para a Guiana no intuito de acumular dinheiro fazem com que essas travessias se repitam incontáveis vezes, no entanto na maior parte dos casos, mesmo quando obtêm dinheiro para isso, muitas vezes perdem parte do que conseguiram guardar, quiçá por não saberem gerir o dinheiro ganho. A fala de Antonio exemplifica essa experiência, que é expressiva de uma vontade não realizada e de transformações econômicas e políticas que, neste caso, interviriam na realização deste processo individual e também, familiar.

Eu vim pra Guiana quando não existia estrada e era só um caminho de terra. Nesse tempo eu era solteiro e trabalhei em vários lugares; porque era muito fácil conseguir trabalho e o dinheiro (franco) era bom, era valorizado. A gente comprava muita coisa no Brasil.

Eu trabalhei na construção da base espacial no Kourou e todo final de semana, depois que eu casei, a minha mulher vinha pro Oiapoque, e a gente ficava no hotel; mas com o plano real e a valorização do dinheiro brasileiro o governo francês começou a comprar a *séjour* de quem quisesse vender, e eu vendi a minha e voltei pro Brasil.

Então comprei uma caçamba e aluguei pra prefeitura; montei uma papelaria e fiquei emprestando dinheiro a juros. Só que a prefeitura não me pagou e a papelaria não vendia quase nada; então o dinheiro foi acabando e o que sobrou deu pra eu viajar pra Aracaju e comprar umas roupas; que trouxe pra vender aqui (Caïena) pros brasileiros, mas como ficou muito difícil entrar, eu tive que deixar para uma mulher que tem uma loja lá no Oiapoque vender.

O migrante procede a elaborar projetos, objetivos em um quadro de desigualdade e exploração, reação econômica que é marcante. Neste contexto os desejos principais dos migrantes que estão na Guiana Francesa é a aquisição da casa e de montar um negócio próprio. Entretanto se deparam com uma multiculturalidade e pluralidade étnica impensável no momento da partida, com a qual passam a conviver, dialogar, interagir e conflitar.

O encontro com o Estado: a alteridade em questão

Diversas circunstâncias de risco são enfrentadas no dia-a-dia, principalmente as operações de controle de migrantes clandestinos. As viaturas da polícia, normalmente pequenos furgões, circulam pelas ruas com as portas abertas. Nestas rondas os policiais se identificam e perguntam para as pessoas se possuem papel (visto, *carte de séjour*, ou



documento equivalente que permita a residência na França).

Geralmente as operações policiais acontecem com maior intensidade ao final da tarde quando os trabalhadores voltam para os lugares onde moram. Há muitos relatos sobre pessoas que foram presas quando saíam para trabalhar ou estavam voltando da jornada. Os trabalhadores denunciam maus tratos por parte da polícia, a reclamação mais recorrente é que os agentes franceses detêm os que se dedicam ao trabalho. Baseados nessa justificativa alegam haver “marcação”, das autoridades policiais, em relação aos brasileiros.

A respeito das prisões vários ângulos são desvendados. A relação entre trabalhador clandestino e polícia é constante e constitui um dos muitos percalços na vida diária do migrante. Por meio de relatos a seguir, ouvi as narrativas de escapar, reagir a esse confronto.

A fuga da polícia, apesar de traumática, é encarada com bom humor, os trabalhadores dizem que dias após serem expulsos retornam a Caiena. Comprovei esse fato quando a polícia invadiu um barraco onde moravam treze pessoas, das quais foram presas oito. Três faziam parte do grupo de entrevistados e foram expatriados ao Brasil, no entanto dois dias após a deportação já estavam de volta a Caiena. Essa prática repete-se diariamente e é um dos muitos percalços pelos quais estes migrantes passam durante a vida na Guiana Francesa. Os relatos a seguir comprovam essa situação:

“(...) um dia moleque, eu tava no ponto da navete, já tava saindo pro São Jorge, todo alegre pra ir pra Santana quando chegou o carro da PAF e o “PAF” bateu no meu ombro e disse “vamo comigo” e eu falei pra ele que eu já tava indo, e ele me disse que no outro dia cedinho eu ia pro Brasil, então eu fui com ele e no outro dia ele me mandou embora e eu nem paguei a navete”. (Carlos, amapaense, 36 anos, casado, dois filhos, mora na Guiana Francesa há cinco anos).

Desde o momento da entrada na viatura que o levará para o centro de detenção, o migrante fica exposto aos olhares dos que transitam pelas ruas e passa a ser mais um sem nome, agora ele é um clandestino. As detenções se sucedem e muitos acumulam experiências de confronto com a polícia. João narrou sua tensão ao ser preso.

“Eu fui pesquisar o preço de umas coisas no Cora, quando eu estava saindo para pegar a navete, lá vem os home (sic) (polícia), não dava nem para sair dali, porque eu estava no meio da estrada. Eles pararam o carro. Ah, agora eles estão com um carro despintado, não é carro com a marca da polícia; eles andam disfarçados, quando a gente vê, eles já estão em cima da gente e não dá mais para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

fazer nada.

Sim, como eu te falava, eles pararam o carro e me perguntaram se eu tinha papel, eu disse que não, e fui preso, mais uma vez. Já é a sétima ou oitava vez que isso acontece. Eles invadem casa, carro, navete, restaurante, *chantier*; tudo atrás de clandestino. A gente não vive mais em paz aqui como antigamente!

Naquele tempo, que tu começaste a pesquisa, a gente ainda tinha o domingo para sair, agora nem isso!”(João é trabalhador da construção civil, natural de Belém, tem 43 anos, vive em Caiena há seis anos, é separado e tem dois filhos, que vivem em Belém com a ex-mulher).

Este controle foi intensificado após o ano de 2005, tornando difícil a permanência ou renovação de visto de residência (*carte de séjour*). Carlos revela os obstáculos enfrentados para a renovação do documento de trabalho e residência:

“Difícilmente um trabalhador brasileiro consegue “papel” e até a *carte de séjour* de quem já mora há muitos anos, eles (prêfecture) não estão renovando. Agora precisa saber ler e escrever em francês e não pode estar na *Chômage*. É verdade que tem muito brasileiro que trabalha seis meses e sai do emprego para ficar recebendo da *Chômage* e trabalhando *a noir* (sem registro); porque faz uns bicos e ganha dos dois lados, mas não são todas as pessoas” (Carlos, um trabalhador brasileiro de cinquenta anos, natural do estado da Bahia, morador da Guiana Francesa há trinta e cinco anos).

As diferentes travessias registradas nessas notas etnográficas permitem identificar o desenvolvimento de relações de sociabilidade e padrões de comportamento. Eles são necessários para que os migrantes vivam no mesmo espaço; para evitar ficar sem casa e trabalho, é necessário adequar-se, evitar brigas, pagar os aluguéis dos lugares onde vivem rigorosamente, ou contribuir financeiramente para alimentação e demais despesas das casas, o que evitaria perderem o trabalho ou ficarem desabrigados. De Certeau (2008, p.39) caracterizou essas estratégias como conveniências, ou o que ele denominou “a arte de conviver”

“A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (...): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, (...) ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana “.

Estas convenções são criadas para que todos possam comer, dormir, inclusive os que não possuem trabalho ou são recém-chegados. A mais comum é a responsabilidade por



fazer a comida, lavar as roupas dos demais, e cuidar da limpeza da casa.

A consciência de estar longe de casa pode significar, também, a distância do lugar (Augé, 1994) de pertencimento, identidade, historicidade. Nestas relações são construídas novas categorias, uma das mais expressivas é a denominada “trecho”, que pode ser interpretada como o oposto do lugar no sentido antropológico, ou seja, um lugar temporário, de passagem, transitório, poderia ser interpretado como o caminho para o retorno ao familiar, ao aconchego. Nesse sentido os migrantes destacaram a expectativa de encontrar seu “lugar” longe do “trecho”.

Sayad (1998) afirma que o trabalho é o que dá sentido à vida do migrante. Estes trabalhadores, freqüentemente, se deslocam sem familiares, para viver com parentes ou amigos distantes, desenvolvendo novas relações. São trocas afetivas que geralmente não se concretizam plenamente, eles narram que as situações de tolerância mútua estão mais presentes que as de cordialidade e afeição.

Pode-se interpretar que os sentimentos de solidão intensificam-se como uma das conseqüências do lugar que os migrantes ocupam na sociedade. É comum, nos relatos, a queixa acerca do aumento da melancolia. Outro fato recorrente é a frustração pela ausência de espaços para lazer, especialmente para os que vivem distante do centro de Caiena.

As mudanças ocorridas no cotidiano e nas migrações expõem diferentes trajetórias de migrantes face às transformações estruturais, sociais, políticas, culturais e econômicas entre em um mundo transnacionalizado.

Em última instância, as relações a que estão sujeitos todos os migrantes revelam um complexo sistema de classificações de si e do outro, são representações e auto-representações que balizam as relações sociais dentro do departamento francês. Grande parte dos migrantes legalizados, quando regressam ao país de origem podem ser comparados aos clandestinos: apesar de terem documentos que atestam sua nacionalidade, não tem acesso à cidadania plena, moram em condições tão ou mais precárias que as encontradas no departamento, têm acesso limitado, senão nenhum, a serviços de educação, saneamento, saúde e segurança pública. Vivem em situação semelhante à dos ilegais no



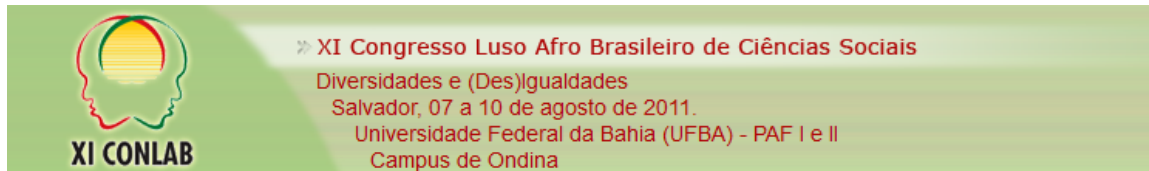
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DUF, diferenciando-se apenas por poderem andar nas ruas sem temer a polícia.

Ser estrangeiro, imigrante nesses lugares é por muitas vezes como estar em uma prisão, e a vivência na terra natal a libertação deste cenário de exclusão e indiferença, nessa sociedade que o vê com frequência como um estranho, que foge da normalidade comum aos cidadãos locais.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).
- AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. In: Revista Tempo Social. V. 18, n. 2. 2006. <http://www.scielo.br/scielo>
- _____. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: Além dos territórios. Ana Maria NIEMEYER e Emilia Pietrafesa de GODÓI. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- AROUCK, Ronaldo de Camargo. Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construção de alteridades. Belém: NAEA/ UFPA, 2002.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000.
- _____. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. UNESP, São Paulo, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. Globalização: as conseqüências humanas. RJ: Zahar, 1999.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In: Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara, 1998.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional. Mana 3(1): 7-39, 1997.
- L'ATLAS DES POPULATIONS IMMIGREES EN GUYANE. l'Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee), l'Agence nationale pour la Cohésion Sociale et l'Égalité des chances (l'ACSE). 2006. Disponível em: www.insee.fr/fr/insee_regions/guyane/.../atlas.../atlas_immigres_gy.pdf
- MENJIVAR, Cecilia. Kinship Network Among Immigrants : lesson From a Qualitative Comparative Approach. IJCS – International Journal of Comparative Sociology, vol XXXVI, n° 3- 4, E.J.Brill. December, 1995.
- SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo. Edusp, 1998.
- SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: Simmel. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.



SOARES, Weber. Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. (Tese) Belo Horizonte, MG-UFMG/Cedeplar, 2002.